

## ASPECTOS DE PERSONALIDADE EM INDIVÍDUOS DA TRIBO PALIKÚR

Uma avaliação intercultural do teste de Pfister\*.

Marco Aurélio Valle de **MORAES**  
Ana Maria Rodrigues de **SOUZA**  
Departamento de Psicologia  
Clínica da **UFPA**.

**RESUMO:** O trabalho apresenta um estudo das possibilidades de aplicação do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister em pesquisa etnopsicológica, tendo como sujeito indígenas da Tribo Palikúr. Os autores introduzem o assunto informando sobre o uso dos métodos nomotético, taxionômico e idiográfico em pesquisa e sobre os diferentes conceitos de cor e da utilização desses estímulos em diversos ramos da ciência. Em seguida descrevem o Teste de Pfister, sua aplicação e resultados obtidos. A partir disto o trabalho reporta-se à experiência Transcultural propriamente dita, com descrição do grupo estudado, descrição da metodologia e resultado dos testes aplicados. A análise dos dados permitiu aos autores concluir que, apesar do pequeno número de sujeitos, os aspectos de personalidade colhidos nos resultados do teste, mostraram ser possível sua aplicação, e apresentaram fortes indícios de validade quanto a sua utilidade como instrumento de pesquisa transcultural. Finalmente, os autores tecem considerações sobre o estudo das cores em contextos antropológicos e psicológicos mais holísticos, e sugerem a ampliação da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teste de Pfister, mensuração, transcultural, personalidades, etnoaplicação de cores, Tribo Palikúr.

**ABSTRACT:** This study evaluates the possible utility of the Pfister's Colored Pyramid Test in ethnopsychological research among indians from the Palikur tribe. In order to place the objective in context, we initially present a critical appraisal of nomothetic, taxonomic and idiographic approaches to studies

\* Pesquisa realizada em fevereiro de 1991, na tribo Palikúr, Reserva Indígena do Uaçá, Município de Oiapoque, Estado do Amapá, Brasil.

dealing with different cultural application of color Stimoli. Next, a description of Pfister's Test is given, followed by a report of results obtained from testing individuals from the tribe itself. Despite the small sample size assessed in this pilot study, descriptive analyses of responses related to personality dimensions, suggest a consistent degree of face validity, given the presence of few thematic divergencies from the non-indigenous population on whom the test was standardized. The tenuous nature of our inductions is stressed, until a larger number of Palikurs may be tested-with proper controls, instituted for specific extraneous factors, projected during a subsequent phase of the research project.

**KEY WORDS:** Pfister's Test, cross-cultural measurement, personality, ethnoapplication of colors, Palikur Indians.

## 1 INTRODUÇÃO

Os processos de mudança decorrentes dos contatos entre grupos culturalmente diferentes acontecem em três planos interdependentes, porém distintos entre si: o social, o cultural e o psíquico. Com relação a este último, a pesquisa intercultural em psicologia, segundo PAIVA (1978), visa principalmente quatro objetivos: ampliar os dados atuais de psicologia com variáveis concretas mais tipicamente humanas; produzir uma nova taxionomia dos fenômenos psicológicos ou modificar as categorias ora existentes, que derivam de apenas algumas culturas; aprofundar de maneira sistemática e reflexa o conhecimento da própria cultura. Finalmente, a psicologia intercultural visa investigar o universal do comportamento humano.

Estas propostas estão incluídas em três orientações metodológicas, a saber: as pesquisas caracterizadas pela preocupação de colher dados que possam contribuir no estudo de supostos padrões universais de comportamento (estudo nomotético); as que são orientadas para a investigação dos aspectos específicos assumidos por processos psicológicos no plano de suas relações em sistemas sócio-culturais bem definidos (perspectiva taxionômica), e as que, em psicologia, tratam do estudo

do indivíduo em sua singularidade (estudo idiográfico). Estas orientações implicam em uma diferenciação metodológica (KRUGER, 1983).

A avaliação quantitativa é mais pertinente aos estudos nomotéticos, que se aplica a estudos transversais de aspectos particulares dos indivíduos, naquilo que eles podem ter em comum, enquanto o estudo idiográfico requer uma investigação qualitativa, ou seja, uma avaliação holística de cada sujeito da investigação. Entre esses dois pólos intermedeia-se a abordagem taxionômica. Estas abordagens, no entanto, estão nos estudos interculturais a serviço dos interesses dos pesquisadores pelo universal ou pelo individual, pois de posse de resultados de vários estudos idiográficos, comparações podem ser efetuadas de modo a destacar características universais como, por exemplo, a teoria psicanalítica possui pressupostos universais, entre estes o Complexo de Édipo que surgiu das investigações clínicas em vários indivíduos.

Neste trabalho utiliza-se a metodologia idiográfica, visando ampliar os conhecimentos dos indivíduos pertencentes à comunidade, através de uma técnica projetiva capaz de fornecer informações sobre a estrutura afetiva da personalidade e, em seguida, destacar os traços mais característicos do grupo pela comparação entre resultados desta técnica e técnicas complementares de coleta de dados que foram utilizados, a saber: a entrevista sistemática e a observação participante.

Este estudo faz parte de uma pesquisa interdisciplinar, cujo objetivo geral é a implantação de uma escola na área indígena - os Palikúr. A avaliação psicológica foi solicitada porque poderia acrescentar informações sobre a conduta e os traços psicológicos mais representativos da população em questão. Este enfoque psicológico, associado a estudos antropológicos, lingüísticos e outros, é importante para o propósito

de implementação de uma escola bilíngüe para essa comunidade.

## 2 ELEMENTOS PROPEDEÚTICOS À APLICAÇÃO DA TÉCNICA

### As pirâmides coloridas de Max Pfister

Nas áreas da Medicina Alternativa, da Comunicação, da Arte, da Antropologia e da Psicologia Clínica, os efeitos de estimulações sensoriais que nós interpretamos como CORES têm sido estudados para atender os objetivos específicos ligados a cada uma dessas áreas. Torna-se necessário, no entanto, informar que há diferenciação qualitativa entre os efeitos físico-químicos da COR - LUZ sobre o organismo de pessoas submetidas a estas terapias alternativas, os efeitos da COR - PIGMENTO sobre as motivações e estados psicológicos conscientes, o simbolismo antropológico da cor-pigmento e os aspectos projetivos da manipulação de objetos coloridos ou de tintas coloridas.

Sabemos que a cor é uma interpretação subjetiva da reação sensorial à visão de objetos atingidos pela luz. As diferentes cores do espectro solar só são distinguidas conscientemente quando cada um de seus raios é isolado, do contrário, embora tenhamos informações que às primeiras horas do dia predomina a cor azul do espectro solar e que depois se seguem a verde, amarela, laranja, vermelha, violeta e azul (mensuradas fisicamente em termos de comprimentos de onda), nós perceberemos a luz solar não decomposta como uma tonalidade que varia entre o branco e o amarelo durante todo o dia. Porém, ao ser decomposta por procedimento especial, temos as sensações de cor-luz, por sua vez, cada raio luminoso isolado, ao incidir sobre os objetos, produz uma sensação de cor que é resultante

dessa relação, pois cada objeto reflete alguns raios solares e absorve outros. A mistura de tintas, portanto, resulta de sensação cromática diferente da mistura de luzes, por exemplo, raios luminosos de cor vermelha e amarela produzem sensação cromática diferente da mistura de pigmentos vermelho e amarelo. Chamamos a cor dos objetos de cor de pigmento, a fim de destacar sua propriedade cromática. (ARNHEIM, 1980).

Na cromoterapia, manipulam-se luzes coloridas ou líquidos energizados pela luz solar, além da mentalização da respectiva cor para atingir o organismo em seus diferentes pontos, de acordo com as necessidades de equilíbrio homeostático deste. Esta terapia fundamenta-se na sabedoria oriental e é atualmente encarada como medicina alternativa no ocidente.

Na comunicação, o uso de luzes e de tintas coloridas objetiva produzir efeitos motivacionais e despertar a atenção. Por exemplo, a combinação de tintas vermelha e amarela nas embalagens ou painéis pode ter sido utilizada a partir do conhecimento de que é uma das combinações de cores mais rapidamente percebidas, sendo que os decoradores a utilizam com limitação de acordo com a "temperatura" que desejam sugerir aos ambientes e produzir determinados estados psicológicos. Em oficinas, os códigos de cores facultam a orientação e a discriminação, e os técnicos de telefonia não saberiam o que fazer sem as várias cores que distinguem seus fios.

Na arte, além da beleza pictórica e estética a ser alcançada, os pintores, por exemplo, utilizam-se intuitivamente de um princípio da percepção conhecido como similaridade, ou seja, quando objetos visuais ou parte deles partilham de um mesmo aspecto perceptual, a mente do observador os conecta quase automaticamente. Assim sendo, quando uma pintura contém duas áreas com um colorido vermelho semelhante, o olho humano as verá como relacionadas, mesmo que localizadas a alguma distância uma da outra. Este princípio de agrupamento

espontâneo de itens semelhantes (pode ser uma cor, uma forma, a intensidade de um brilho, etc...) é usado para dirigir a atenção do observador de acordo com a intenção da mensagem e para manter unidas as várias partes de uma composição.

Os antropólogos, por sua vez, interessam-se pelo valor simbólico que cada cor ou conjunto delas pode significar dentro desta ou daquela cultura. Tomemos como exemplo o caso da pintura corporal altamente difundida entre os indígenas brasileiros, utilizada por homens e mulheres. As cores usadas na sua execução são o vermelho obtido do urucum, e o negro, do suco do jenipapo e cujo uso tem significados simbólicos (MELATTI, 1987). Na aldeia Palikúr obtivemos o informe de que o uso destas cores identifica o índio como tal.

Na Psicologia Clínica, por outro lado, importa mais explorar o valor PROJETIVO da escolha ou manipulação de objetos coloridos ou tintas. Por projeção entendemos perceber ou manipular estímulos cromáticos de acordo com as motivações conscientes e inconscientes que estes despertam. Ao executar as tarefas do teste de Pfister os sujeitos escolhem as cores e executam combinações "feias" e "bonitas" como estas, mas também projetam nestas construções suas disposições afetivas e ideativas, suas ansiedades e recursos defensivos inconscientes. As cores, escolhidas e combinadas por um sujeito, têm, portanto, um valor simbólico a ser interpretado. Mas esta interpretação, neste caso, tem validade para o indivíduo que executa a tarefa, mais do que para sua coletividade, e diz respeito tanto às motivações conscientes como às inconscientes.

É evidente que as outras qualidades dos estímulos, além da sua cor, também são percebidas em combinação com esta; a sua forma por exemplo. Algumas destas qualidades requerem mais participação da cognição que outras, para serem percebidas. A percepção da forma é aprendida, portanto esta pode ser

interpretada como um indício dos processos adaptativos do indivíduo ao seu ambiente, já que requer uma elaboração mental que inclui lembranças e operação cognitiva para selecionar a associação conveniente à interpretação do estímulo, sobretudo quando este é ambíguo, isto é, quando possui poucos atributos que facilitem a interpretação do estímulo. A escolha da forma, assim analogicamente, se assemelha ao funcionamento egóico, que envolve a adaptação psicossocial do indivíduo.

Certos testes projetivos apresentam aos indivíduos estímulos visuais que podem ser percebidos por sua cor, por sua forma, ou por outra característica. Quando a cor é a qualidade do estímulo, que chama a atenção como base para as associações efetuadas pelos mesmos, se diz que o indivíduo é passivamente atingido pelo estímulo, isto é, esta experiência dependeu do funcionamento saudável do seu aparelho sensorial e da atenção dirigida para o estímulo - embora nem sempre esta sensação seja comunicada verbalmente pelo sujeito - mais do que de um esforço cognitivo do sujeito, como é de se esperar no caso em que a forma tenha chamado mais atenção.

A correlação entre a passividade perceptiva da cor e a passividade aos impulsos internos já foi verificada clinicamente. Assim, observa-se que os sujeitos que têm pouco controle sobre seus impulsos tendem a responder ao Teste de Rorschach acentuando as características cromáticas dos estímulos do teste, mais do que seus aspectos formais, ou reagindo emocionalmente à presença dessas cores. A descrição fenomenológica da passividade essencial da experiência afetiva, portanto, pode ser compreendida dinamicamente do ponto de vista psicanalítico. As reações afetivas são caracterizadas pela sua diretividade e imediaticidade. Quando o afeto é forte não há tempo suficiente para pensar no ato antes da resposta (impulsividade).

Cores diferentes se distinguem pela qualidade e intensidade de seu tom afetivo, sendo o vermelho a cor mais excitante e considerado a cor mais representativa desse grupo de estímulos. De acordo com (SCHACHTEL, 1967), em todos os países se faz referência ao vermelho final do espectro. As outras cores que conhecemos nem sempre fazem parte da classificação sugerida por outras culturas e nem sempre aparecem nas manifestações artísticas. As pinturas e esculturas gregas têm sempre vermelho e amarelo e nunca o azul e o verde.

Rorschach se dedicou ao estudo do significado projetivo da percepção visual de estímulos ambíguos, em relação a dimensões como conteúdos das respostas, seus Determinantes e Localização das áreas visualizadas. Os conteúdos se referem ao tipo de associação que os sujeitos efetuam (classificadas em objetos, humanos, animais, vegetais, partes anatômicas), os segundos se referem às qualidades dos estímulos que influenciam as respostas (cores, forma, movimento, sombreado, etc...), e as localizações significam as áreas que o sujeito visualizou (o todo da figura ou suas partes). Dos significados dos determinantes e da relação entre os determinantes Cor e Movimento Humano obteve-se um critério para a classificação dos indivíduos quanto aos tipos de vivência Introversão e Extroversão. Os indivíduos introversivos, cujos determinantes Movimentos Humanos têm frequência maior que o determinante Cor, tendem a ser mais estimulados por sua vivência interna, isto é, por sua imaginação, a serem mais afetivamente estáveis, porém mais seletivos em seus contatos sociais e mais criativos que os indivíduos classificados como extroversivos. Estes tendem a ser mais impulsivos (ver comentário sobre o significado da percepção de cores) e, influenciados pelo ambiente, mais lábeis afetivamente mas também mais dispostos a efetuar contatos múltiplos com pessoas, assim como mais práticos e criativos (SILVA, 1987).

Max Pfister, tendo tomado conhecimento das descobertas de Rorschach, pretendeu explorar mais o determinante cor, efetuou pesquisas sobre seus efeitos, e obteve informações sobre as tendências introversivas, não pela comparação da frequência de escolha do determinante movimento com a frequência de escolha do determinante cor, como fez Rorschach, mas da comparação entre as propriedades projetivas de diferentes cores. Os aspectos cognitivos foram estudados a partir das formas assumidas pela combinação de cores em um esquema com formato de pirâmide, no desempenho de diferentes sujeitos. O seu teste objetiva, assim, determinar a estrutura afetiva da personalidade, que inclui a análise dos traços psicológicos pessoais que caracterizam tanto a conduta expressiva como as motivações inconscientes dos sujeitos.

Pfister é de nacionalidade suíça. Iniciou sua carreira profissional como arquiteto, porém foi como bailarino, coreógrafo e diretor teatral que se interessou pelas luzes e cores, vindo a descobrir intuitivamente os valores expressivos e significados emocionais das mesmas, e posteriormente, a abandonar a carreira artística, a partir das pressões originadas pela segunda guerra mundial, para se dedicar à Psicologia, com a qual já tivera contato anteriormente através de um tratamento psicoterápico. Seu estudo sobre cores foi apresentado pela primeira vez em 1946, com o título "Psychodiagnostischer Versuch", como teste de doutoramento em Psicologia, no Instituto de Psicologia Aplicada, na Suíça. Porém a apresentação oficial se deu nas Jornadas Suíças de Psicologia, em Lousanne, 1949.

Como esse trabalho ainda estivesse em fase embrionária, já que suas conclusões talvez se apoiassem mais em um processo de observação intuitiva, o método foi levado para o Instituto de Psicologia da Universidade de Freiburg, onde os doutores Hobert e Hildegard Hiltmann, após profundas pesquisas, publicaram em 1951 o livro "DER FARBPYRAMIDEN-TEST, NACH

MAX PFISTER". Foram feitas algumas modificações na forma original a fim de transformar o referido ensaio em uma técnica de investigação psicológica. No Brasil, em 1956 o Dr. Villemor do Amaral, como encarregado da cadeira de Técnicas Projetivas do curso de Psicologia Clínica da PUC-SP, incluiu em seu programa este teste, que a partir de então vem sendo utilizado e divulgado. Villemor fez uma alteração no número de pirâmides solicitadas aos sujeitos, mas o teste continua sendo interpretado segundo a padronização realizada pelo grupo de Freiburg (VILLEMOR, 1978).

### 3 MATERIAL E MÉTODO

#### 3.1 POPULAÇÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O Teste de Pfister foi aplicado em oito sujeitos e adolescentes de ambos os sexos, na tribo Palikúr, aldeia do Kumenê. São índios brasileiros semi-aculturados, pertencentes aos povos da família Aruak, localizados às margens do Rio Urucaúá na Reserva do Uaçá, Município do Oiapoque, no extremo norte do Brasil. Esta tribo é mencionada desde o século XVI, e sua língua se inclui no tronco lingüístico aruak. São os Palikúr, o único povo da reserva do Uaçá (os outros são Galibis do tronco Karib e os Karipunas do tronco Tupi), que manteve sua língua, hoje falada em todas as suas aldeias com exceção da aldeia Flecha, onde se fala mais o crioulo ou patoá (RICARDO, 1983).

Os Palikúr, segundo sua autodenominação, sofreram influência da civilização moderna, já que o contato com os brancos se faz há cerca de 450 anos, porém conseguiram manter-se ligados a seus costumes tradicionais até trinta anos passados, quando então acentuou-se o abandono gradual das tradições tribais e a procura de um modelo mais moderno de vida, influenciados, ao que podemos observar, pela organização

político-social via escola e religião, tais como o demonstraram algumas modificações de eventos sociais significativos como: namoro e casamento precoces, nova maneira de enfocar o problema da virgindade assim como adoção de nova forma de culto religioso (o pentecostalismo), em substituição aos cultos ancestrais, o abandono da medicina Xamânica, a construção de músicas em linhas melódicas modernas aculturadas (musicalização de hinos sacros), e cada vez maior contato com maquinarias (motores de luz, de popa, etc) e armas de fogo.

Todavia a observação sistemática e a pesquisa participante nos mostraram claramente a expressão étnica dos observados, manifestadas que foram através do contato com os pesquisadores, onde os sujeitos demonstraram, sempre, características próprias de seu povo e de sua subjetividade, tais como, o retraimento natural, a desconfiança a estranhos, e um não disfarçado orgulho e altivez de sentir-se índio. Aliás, esta condição se antepõe claramente quando, ao se comparar ou perguntar algo, geralmente escuta-se: Nós... ou, os Palikúr... ou ainda, os índios. Porém, apesar da fidalguia étnica, notamos também um tom de tristeza e, em muitas entrevistas, um sentimento de desvalia associado a um franco descrédito e desconfiança pelo discurso do branco, reclamando de suas promessas não cumpridas e de suas intenções nem sempre claras. Neste manifesto percebemos também laivos de sua belicosidade guerreira abrandada, menos pela submissão e mais pela atitude fatalista adotada diante de algo inevitável. Concluímos nossa observação da população estudada nos remetendo às palavras de L. Raposo que, ao introduzir o trabalho de Duvignaud, escreve

"Duvignaud coloca em exame a dramaticidade da tensão que assim se forma para pressionar o indivíduo ainda ligado a um universo morto ou moribundo e os efeitos dissolventes gerados pela

irrupção de valores novos e impreciosos. É uma tensão que, em sentido contrário, atinge as sociedades presas à irreversibilidade dos valores recentes e incertos e ainda banhadas na nostalgia irreprimível que remete os homens dos mundos novos às sobrevivências de um passado ainda evocável ou transposto para o mito" (RAPOSO, 1983).

### 3.2 TÉCNICAS UTILIZADAS

- Teste de Pfister
- Entrevista Clínica não Estruturada
- Observação Participante.

### 3.3 DESCRIÇÃO DA PRINCIPAL TÉCNICA - TESTE DE PFISTER

Objetivo: Determinar a estrutura afetiva da personalidade: informar sobre a estabilidade emocional, maturidade e vivência afetiva, capacidade de assimilação e equilíbrio emocional.

#### Organização e Aplicação:

O teste utiliza pirâmides, impressas em papel branco, cada uma com 15 quadrados de 2,5 cm de lado, e papéis coloridos recortados do tamanho dos quadros, correspondentes a dez cores em um total de 24 matrizes.

A tarefa consiste em aplicar sobre as pirâmides, uma por vez, os papéis coloridos de maneira a constituir um conjunto que satisfaça ou agrade o sujeito.

Teste de aplicação individual que requer de 15 a 45 minutos para sua execução. Na técnica original o sujeito recebe, de início, apenas uma pirâmide e tem os papeizinhos espalhados sobre a mesa à sua frente. Depois de construir a pirâmide

a seu gosto, recebe a incumbência da segunda e finalmente da terceira. Executadas as três, deve informar qual a mais bonita e a que menos aprecia e, em cada uma, qual a cor que mais agrada.

Durante a execução, o examinador anota em folha à parte as cores escolhidas para a organização da pirâmide, a ordem e a posição em que são colocadas, inclusive as trocas efetuadas. O tempo gasto em cada pirâmide, assim como o tempo total de execução, são também anotados.

Em modificação, experimentada por HEISS et al ap. KOLCK, 1975) e desenvolvida por SCHAIE ap. KOLCK (1975), é introduzida a solicitação de três pirâmides "feias", depois da execução das três de agrado do sujeito.

#### Validade, Precisão e Normas:

Para a validação, foram efetuados estudos experimentais e clínicos, e análise estatística de extensa casuística, na Europa, Estados Unidos e Brasil. KOLCK (1975), HEISS & HALDER (1985) e JUSTO & KOLCK (1985) citam várias pesquisas que foram efetuadas com essa finalidade, com resultados positivos.

Quanto à precisão, SCHAIE ap. KOLCK (1975) apresenta resultados de estudos com coeficientes médios de reteste, variando de 0,56 a 0,61 de 0,46 a 0,52 de 0,41 a 0,55, para diferentes variáveis.

As normas originais são alemães, mas há normas americanas e francesas.

### 3.4 PROCEDIMENTO

Foram dedicados dezoito dias de pesquisa de campo incluindo três aldeias Palikúr: Kumenê, Flecha e Tawarí. Todas as técnicas foram aplicadas em oito sujeitos por um dos examinadores. Todos os sujeitos testados, além de falar a língua nativa, entendiam relativamente bem a língua portuguesa. As

instruções para a aplicação do teste foram dadas sem intérpretes e bem entendidas, embora no inquérito o intérprete fosse utilizado para esclarecer melhor as perguntas, não havendo necessidade deste para a tradução de respostas. As aplicações se desenvolveram sem dificuldades maiores e em ambiente julgado apropriado. Os sujeitos foram escolhidos durante a pesquisa participante e o critério de voluntariado foi respeitado, com exceção de dois adolescentes mandados ao teste pelo professor da escola local. Os sujeitos foram previamente contactados, por mais de uma vez, em entrevistas sistemáticas e não estruturadas que serviram de técnicas complementares ao teste aplicado. Em seguida os testes foram entregues pelo pesquisador para a psicóloga que colaborou com a investigação e efetuou a avaliação dos resultados destes, enquanto o examinador procedeu à avaliação das impressões obtidas com as outras duas técnicas. Como a amostra era estatisticamente diminuta, não havia sentido em fazer comparações transversais de traços de personalidade observados em avaliações parciais da técnica. Optou-se então pelo método clínico de avaliação (idiográfico). Este constitui uma apreciação holística qualitativa e quantitativa do desempenho de cada indivíduo.

Em seguida, os resultados individuais dos desempenhos no teste foram cotejados entre si, a fim de destacar as tendências ou características mais evidentes do grupo, após o que, comparações também foram efetuadas entre cada avaliação individual com o teste de Pfister e as apreciações diagnósticas obtidas pelo outro examinador com as técnicas de entrevista clínica não estruturada e observação participante.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados a seguir estão expressos da seguinte forma:

a) Inicialmente apresentamos as avaliações individuais,

que se baseiam em uma apreciação holística da personalidade de cada sujeito, descritas na forma protocolar do teste aplicado.

b) Resultados da comparação dos protocolos individuais e apresentação das tendências que mais se destacam no grupo.

c) Cotejamento das avaliações individuais dos desempenhos no teste, elaboradas pela psicóloga, e as apreciações obtidas com as técnicas de entrevista clínica não estruturada e observação participante efetuadas pelo outro examinador.

#### 4.1 AVALIAÇÕES INDIVIDUAIS:

**Protocolo n. 1** - A astenia é uma característica que se destaca na produtividade do sujeito. Ao mesmo tempo que ele se esforça para produzir e para conseguir isso procura trabalhar com concentração, a fim de poder racionar e produzir. Parece bem integrado ao seu grupo, chegando a dar a impressão de submissão ao sistema coletivo. Para tanto, o sujeito tem que se esforçar para manter o equilíbrio homeostático psíquico: resolução do conflito entre características introversivas e extroversivas que ameaçam romper o equilíbrio interno. Assim, consegue manter sociabilidade moderada. O baixo nível de energia talvez resulte de um mecanismo que visa manter as emoções sob controle. O sujeito não apresenta ansiedades indicativas de conflitos que chegam a ser sentidos como ameaçadores, nem incoerência entre sua apresentação externa e sua estrutura de personalidade, o que é indício de que conseguiu a estabilidade necessária ao ajustamento social externo.

**Protocolo n. 2** - Na expressão, o sujeito consegue ajustamento psicossocial satisfatório, embora instável, mostrando interesse pela interação com o meio e conformismo social, de forma a não aparentar reações extremas ou típicas que possam caracterizar sua conduta, além de certa inibição na situação de testagem, que difere do seu modo habitual. No nível latente, o



resultado mostra, entretanto, um foco de conflito interno, que se reflete no medo inconsciente de perda do controle do impulso. O sujeito utiliza os mecanismos reguladores da repressão e da negação para auto-contenção, mas mantém-se neste estado de conflito, que indica fragilidade do mecanismo regulador das emoções.

**Protocolo n. 3** - Produtividade intelectual mais reprodutiva que criativa, tendendo ao rebaixamento, provavelmente por efeito de tendências regressivas. Destaca-se na personalidade deste sujeito uma conduta aparente de exagerada excitabilidade, com dificuldade de canalização afetivo-emocional, que não é autêntica em relação à sua estrutura real. É provável acompanhar-se de atitude de subordinação excessiva às convenções do seu ambiente. Esse modo de vida não atende, porém, às suas necessidades afetivas e nem lhe dá recursos para solucionar seus conflitos internos e auto-controlar seus impulsos. Parece ter sentimentos de rejeição, incapacidade de auto-regulação emocional, comportamento regredido. Seus mecanismos de defesa são frágeis, consistindo na negação e bloqueio dos afetos, do que resulta um falso julgamento consciente de ser sujeito produtivo, obstinado e tenaz. Essa energia é qualitativamente de caráter primitivo, não conduzida de modo eficiente. O sujeito também costuma ser seletivo na sua integração com o meio e perseverante nos modos de relacionamento com este. Possui sensibilidade para estabelecer relação afetiva com as pessoas, mas a intensidade com que sente a estimulação social causa-lhe grande impacto, que resulta em ansiedade inconsciente e receio de perda de equilíbrio. Em resumo, trata-se de personalidade imatura, com difícil ajustamento afetivo-emocional pleno.

**Protocolo n. 4** - O sujeito aparenta razoável ajustamento externo, apenas chamando atenção pelo aspecto “sonhador” que aparenta, o que algumas pessoas podem interpretar como

atitude “doce” ou “dócil”. No nível latente, essa tendência à evasão pela fantasia é início de dificuldade para manter o equilíbrio homeostático emocional. Na faixa etária do sujeito essas dificuldades são consideradas uma situação interna transitória, mas além disso o seu desempenho no teste mostra também conflito focal, medo inconsciente de desestruturação egóica, que talvez evidencie dificuldades mais sérias que as esperadas na adolescência e é resultante de problemas com seu desenvolvimento psicológico. Apesar disso, o sujeito tem se mostrado eficiente no esforço para manter o ajustamento social externo, de modo a atender às expectativas de seu grupo.

**Protocolo n. 5** - Boa produtividade intelectual é uma característica que se destaca no desempenho deste sujeito. No nível emocional, o uso do mecanismo de negação confere a conduta do examinado um distanciamento entre seu ego ideal e ego real. Conscientemente utiliza bastante controle racional de seu comportamento, o que é importante como recurso para efetuar o ajustamento social externo. As características de personalidade que o sujeito tende a rejeitar são, porém, mais autênticas. Dá mostra de excessivo apego às tradições e respectivas ideologias, mas essas preocupações parecem ser indícios de dificuldades no desenvolvimento psíquico pessoal, o que explica a forma imatura como lida o sujeito com suas catexias pulsionais. Os mecanismos defensivos destacam a repressão e a negação, que resultam em exteriorização comportamental que, por sua vez, assume a forma de obstinação e capricho, incoerentes com sua latente vulnerabilidade emocional. Como esses mecanismos de defesa não têm sido suficientes para o ajustamento interno, o sujeito costuma sentir ansiedade, depressão e insegurança, a nível inconsciente (negado conscientemente). A conduta torna-se, em consequência, lábil e sugestionável, mas aparentemente o sujeito parece ajustado o sufi-

ciente para atender às existências do seu meio graças sobretudo ao seu rendimento intelectual.

**Protocolo n. 6** - É provável que o seu desempenho também reflita as condições que o sujeito efetuou a tarefa do teste. Ele foi escolhido sem assentimento prévio, e executou as tarefas com visível nervosismo. Isso provavelmente explica, em parte, a ligeira acentuação de cores de significados vivenciais opostos (introversão/extroversão), e de outra cor cuja elevação de frequência indica uma sobrecarga de estimulação interna, provavelmente vinda do exterior, que tende a sufocar emocionalmente o indivíduo. Mas sua estrutura afetiva parece estável, resistente e adaptável, face ao uso de defesas construtivas para controle dos conflitos internos, que não parecem ser ameaçadores. Vale ressaltar ainda que sua faixa etária justifica também suas reações emocionais frente às exigências sociais. O sujeito parece ser produtivo em atividades acadêmicas, talvez criativo, e mostra interesse normal por contatos sociais, traços excelentes para conseguir ajustamento sem dificuldade.

**Protocolo n. 7** — O sujeito parece manter atitude de conformismo social, que a nível interno se reflete em conflito, isto é, uma situação de antagonismo entre tendências pessoais e deveres, e, em consequência, apresenta sentimentos de ansiedade, mas esses conflitos são superficiais e bem controlados, considerando o funcionamento geral da personalidade do sujeito, o que lhe confere estabilidade e reações inexpressivas, do ponto de vista emocional, diante das pressões sociais, embora mostre interesses bastantes diversificados, uma conduta do tipo mais reprodutiva que criativa e baixa individualização.

Obs: É surpreendente que o sujeito consiga manter tais controles, face à sua condição social na tribo, conforme dados obtidos com a técnica da observação participante, interpretados como uma conduta emocionalmente inexpressiva, que

surpreende pela condição de “pária” em que o sujeito vive e que poderia gerar desequilíbrio interno em outros indivíduos.

Isso sugere pouca pressão superegóica, do que se deduz obediência sem identificação com o modelo e, conseqüentemente, sem auto-censura, típico do quadro de sociopatia.

**Protocolo n. 8** — Bom ajustamento social externo, com algum predomínio de conduta extroversiva que parece se destacar apenas na aparência e não como tendência latente, provavelmente pelas estimulações a que o sujeito tem sido submetido, na sua busca de interação com diferentes aspectos do ambiente. Possui mecanismos que são eficientes para a regulação externa dos impulsos e interesse por contatos sociais. No nível inconsciente falta ainda resolver um conflito focal, que sugere mais fragilidade desse mecanismo regulador, que é suposto pelo seu comportamento. A instabilidade que sua conduta apresenta se justifica em parte pela sua faixa etária.

## 4.2 TENDÊNCIAS GRUPAIS

As diferenças individuais se evidenciam na conduta, tanto a nível de estrutura da personalidade quanto na sua expressão. Isto também confere com o objetivo do teste, considerando que, do ponto de vista da avaliação holística, o objeto mensurado é uma unidade não generalizável. As classificações que puderam ser efetuadas levaram em conta dimensões como traços de personalidade ou funções que isoladamente não constituem a integralização da personalidade, a saber: Grau de ajustamento psicossocial, tipo de vivência, produtividade intelectual, grau de estabilidade da conduta com meio.

É necessário esclarecer que o conceito de ajustamento envolve tanto a relação emocional do indivíduo com o seu meio social quanto a sua auto-regulação interna ou homeostase. Alguns indivíduos parecem bem integrados ao seu ambiente,

mas apresentam distúrbios internos conscientes ou inconscientes. Quanto a este critério, o grupo se divide em proporção aproximada de 63% de indivíduos ajustados apenas socialmente (5), para 37% de indivíduos ajustados plenamente (3). Dizemos que os primeiros tendem também a ser considerados mais lábeis que os segundos.

Quanto à produtividade, 25% dos sujeitos (2) mostraram evidências de potencial intelectual criativo, outros 25% mostraram que têm dificuldades quanto a este aspecto, porém como a avaliação da produtividade não é separada da avaliação emocional, não podemos efetuar, a partir destes dados, uma classificação dos sujeitos por esse critério.

O grupo é quase homogêneo quanto ao critério de amplitude do campo de interesse, isto é, os sujeitos tendem a reagir a uma multiplicidade de estímulos ao invés de tornar seu campo interativo mais seletivo.

Os critérios “Tipo de vivência” e “Grau de estabilidade da conduta”, não foram critérios especificados isoladamente, por se encontrarem inclusos na avaliação do ajustamento psicossocial, tais como refletidos no protocolo nº 6, cujo conflito vivencial (introversão/extroversão) é analisado com vistas a julgar seu grau de adaptação à situação.

#### 4.3 VALIDADE DO TESTE

Após a avaliação de todos os protocolos do Teste de Pfister, foi efetuada a comparação de cada um deles com as impressões diagnósticas obtidas pelo examinador com as técnicas de entrevistas clínicas não estruturadas e observação participante. Foi surpreendente a coerência entre os significados do desempenho de cada sujeito no teste e dos comportamentos observados pelo examinador nas entrevistas e observa-

ções efetuadas, o que eleva a confiança no instrumento como técnica da investigação dos aspectos efetivos da personalidade.

Um outro aspecto que é favorável ao uso da técnica foi a observação de que os sujeitos não voluntários, aparentemente ansiosos, não são discrepantes dos outros sujeitos, de modo desfavorável quanto às suas características de personalidade, o que indica que o instrumento avalia os aspectos mais estruturais desta, ao invés de mensurar apenas respostas às situações.

#### 5 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Sendo um teste não verbal e de fácil execução, a técnica de Pfister pode ser aplicada na população estudada, inclusive porque exige a manipulação de estímulos cromáticos sem solicitar a nomeação de cores, o que traria preocupações com os conceitos de cor, que variam de cultura para cultura. A escolha de cores que o teste requer depende da percepção e da organização manual destas.

Um fator interessante foi a distinção observada entre a apreciação consciente das cores e sua expressão projetiva, que estabelece os limites entre os recortes antropológico e psicológico do mesmo objeto. Gostar ou não de determinadas cores pode ser uma informação interessante para os antropólogos, na medida em que essa avaliação do sujeito pode se relacionar com o sentido valorativo que se atribui a esses estímulos. Entretanto, as cores rejeitadas pelo sujeito costumam ser incluídas por estes quando da execução do teste de Pfister, e o conjunto desses estímulos traz um novo sentido simbólico: o valor projetivo inconsciente da ação do sujeito, que diz do recorte psicológico e clínico da avaliação.

Em se tratando ainda da utilização deste instrumento para a coleta de nossos dados, resta discutir sua validade. Embora outros estudos tivessem esse mesmo objetivo, o fato

de os sujeitos pertencerem a cultura distinta da sociedade urbana nos levou a efetuar também um teste de validação empírica da técnica, que consistiu em comparar os resultados do teste com as apreciações efetuadas após o uso de duas outras técnicas diagnósticas. Surpreendeu-nos a coerência entre os diagnósticos da personalidade obtidos com as três técnicas. Isso mostra que sua validade se estende ao uso nessa população.

Um outro dado que se relaciona com a validade deste teste foi a descoberta de que as situações de testagem que provocara ansiedade em alguns sujeitos não tornaram a avaliação de seu desempenho mais desfavorável clinicamente que o caso dos demais sujeitos. Se não ocorreram efeitos significativos da situação com o desempenho dos sujeitos, deduzimos que o teste avalia aspectos mais profundos da personalidade.

Quanto ao tamanho da amostra, ao contrário das pesquisas que usam métodos tradicionais, seu número reduzido tornou-se um problema menor para nós, porque nossas hipóteses sobre características grupais partiram da frequência de traços e características pessoais obtidos a partir do uso do método de investigação idiográfico, quando se constitui a avaliação clínica de cada sujeito. Por outro lado, se as aferições individuais são válidas, a avaliação do grupo depende de confirmação através do aumento de frequência de casos. Além disso, algumas características pessoais que foram observadas em alguns sujeitos, como no caso da produtividade intelectual, não nos autorizam a deduzir que os sujeitos que se destacaram quanto a esse fator devam ser classificados acima ou abaixo dos demais, pois o teste não tem o objetivo de mensurar a inteligência, de modo que a produtividade intelectual associada a outras características do desempenho de cada sujeito dá indicativos de conduta mais ampla, que é grau de ajustamento individual, um dos critérios para avaliação do grupo.

Um outro critério que permitiu a avaliação do desempenho do grupo, hipoteticamente, foi o de amplitude do campo de interesses. A maioria dos sujeitos (90%) mostrou-se motivada a dar atenção a estímulos variados do seu ambiente. Hipotetizamos que na vida urbana a seletividade perceptiva é maior, talvez em razão da variedade de especialização profissional ou, por outro lado, ter também como hipótese, o fato do índio dar maior significado aos estímulos que o rodeiam como inerentes à sua natureza e necessidade de sobrevivência na selva.

Dados como esses, entre outros, se confirmados, podem ser úteis para atender ao objetivo da pesquisa interdisciplinar no qual nosso estudo está inserido à criação de uma escola para essa comunidade. Tanto o conhecimento dos aspectos culturais, lingüísticos, econômicos, geográficos ou outros, a pesquisa psicológica fornece uma gama de informações sobre os sujeitos, e que serão úteis para planejar a escola adequada para essa tribo, tais como: os conteúdos programáticos e os benefícios que resultarem disso para a comunidade.

## 6 PERSPECTIVAS DE AMPLIAÇÃO DA PESQUISA

Quanto à questão enfocada, de cores e formas, talvez fosse conveniente levar em consideração a corrente gestaltista, que atualmente vem exercendo maior influência sobre os comunicadores hodiernos que utilizam a cor e a forma como meio de expressão, por esta escola centralizar seus esforços no conhecimento da funcionalidade dos elementos estruturais. Isto quer dizer que existe uma relação estreita e de analogia entre os padrões de cor e de forma, e que qualquer alteração, por acréscimo, diminuição ou mudanças de posição de uma cor em relação ao conjunto altera também o significado da estrutura. É necessário, também, levar em consideração, com referência

à cor, que sua capacidade de influência psíquica tende mais para os aspectos emotivos, enquanto que a forma é de predominância lógica. Esta questão tem, pois, um significado especial em nosso caso, como assinala Pedrosa:

“Assim como a forma só é percebida em razão de uma diferença de cor ou de luminosidade dos campos que a definem, a capacidade expressiva da cor só aparece através da forma (tamanho, configuração da área, repetição, contraste, combinação, proximidade e semelhança), atingindo seu maior grau de eficiência quando complementa ou reforça a mensagem contida na forma” (PEDROSA, 1982, p. 92),

o que deve, é claro, ser levado em conta quando da produção de material didático, pois em seu citado trabalho Pedrosa nos lembra que: “Em toda a sua história, a comunicação sempre se valeu de símbolos. Os sinais (sonoros, visuais ou gestuais) gerados de memorização das formas, terminam por construir códigos. Daí nascem os símbolos, que podem ser formados por um ou por vários sinais. Por isso, chegamos à constatação de que todo pensamento expresso é sempre simbólico em maior ou menor escala, devido à impossibilidade de representação de todos os componentes do objeto comunicado. Para representar idéias, situações e objetos cada vez mais complexos, os comunicadores procuraram aperfeiçoar seus códigos, no sentido de uma maior clareza de expressão e de comunicação, possibilitando a criação de símbolos tão desenvolvidos que chegariam a rivalizar com a fotografia e com a descrição analítica.

“Mas a eficiência desses símbolos nunca esteve na fidelidade da representação, e sim na valorização de certas características do objeto representado, segundo certas necessidades ou exigências do público a que destinavam ...” (PEDROSA, 1982, p. 92) (o grifo é nosso).

Atingindo um nível de abrangência maior, estabelece este “survey” a possibilidade de aprofundar o estudo da projeção da personalidade humana, através de sua preferência ou gosto de determinadas cores, para conhecimento de certas áreas individuais ou coletivas, desde que este instrumento de pesquisa não corra o risco de ser apenas mais um codificador de nosologias e formas clínicas, e sim, prestar-se como ponto de apoio para novos paradigmas, tais como, a interpretação psicanalítica das cores (cores mais representativas do id, do ego e do superego), como, por exemplo, “o vermelho, que além de significação própria ao teste, ainda se relaciona com as fases oral e anal-sádica, na evolução psicosssexual” (MARQUES, 1988), ou mais etnologicamente ligado à paixão por uma escola de samba, partido político ou ao culto de Exu. Outro exemplo disto encontra-se no início de nosso trabalho, quando dissemos do uso do vermelho e do preto pela quase totalidade dos indígenas brasileiros, e que, segundo o pesquisado nos Palikúr é a própria identidade do índio. Sobre este aspecto nos diz Gilberto Freire:

“É um caso, o da freqüência do encarnado no traje popular da mulher brasileira, principalmente no Nordeste e na Amazônia, típico daqueles em que as três influências - a ameríndia, a africana e a portuguesa (...) Em sua origem, e por qualquer das três vias, trata-se de um costume místico, de proteção ou de profilaxia do indivíduo contra espíritos ou influências más. Mas a influência maior parece ter sido do índio, para quem a pintura do corpo de encarnado (urucu) nunca foi a expressão de simples bizzaria como pareceu aos primeiros cronistas (...) encontramos a pintura do corpo desempenhando entre os indígenas do Brasil função puramente mística, de profilaxia contra espíritos maus e, em menor número de casos, erótica, de atração ou exibição sexual. E como profilaxia contra os espíritos

maus era o encarnado cor poderosíssima como demonstra o estudo de Karsten (...) 'Von den Steinen surpreendeu os Bororo besuntando o cabelo de encarnado para poderem tomar parte em danças e cerimônias fúnebres, ocasiões em que o índio se sente particularmente exposto à ação maléfica do espírito do morto e à de outros espíritos, todos maus, que os selvagens julgavam soltar-se ou assanhar-se nesses momentos". Ainda "Von den Steinen teve ocasião de presenciar a cerimônia com que os índios do Rio Xingu esconjuravam um meteoro: os Baris ou curandeiros, gesticulando com veemência e cuspidando para o ar. E a fim de enfrentarem o inimigo, haviam-se cautelosamente pintado de vermelho vivo de urucu". (FREIRE, 1980).

E assim é que acreditamos que, longe de significar uma variedade de conceitos inúteis, por mais estranhos e extravagantes que sejam, estes conhecimentos sempre fornecerão ao pesquisador atento novos caminhos para o desvendar do psiquismo humano, e maneiras mais afetivas para ajudá-lo em seu caminhar.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, R. *Arte & percepção visual*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- FREIRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: J. Olímpio, 1980.
- HEISS, R., HALDER, P., *O teste das pirâmides de cores*. São Paulo: Vetor, 1985. Tradução: Der Farbpyramidentest.

- HEISS, R., HALDER, P., HOGER, D. *Der Farbpyramidentest*. 2. ed, Berna, Hanshuber, 1975. (ap. KOLCK, 1975).
- JUSTO, H., KOLCK, T. Van. *O teste das pirâmides de cores*. São Paulo: Vetor, 1985.
- KOLCK, D. L. Van. *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1975.
- KRUGER, H. A Psicologia intercultural e o problema da validade externa de hipótese e teorias psicológicas. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 35, n.1, p. 48-55, 1983.
- MARQUES, M. I. B. *O Teste de pirâmides coloridas de Max Pfister*. São Paulo: EDUC, 1988.
- MELATTI, J. C. *Índios do Brasil*. 5. ed. São Paulo: 1987.
- PAIVA, G. J. *Introdução à psicologia intercultural*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- PEDROSA, I. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: FENAME. 1982.
- RAPOSO, L.F. Introdução. In: DUVIGNAUD, J. *Festas de Civilizações*. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1983.
- RICARDO, C.A. *Povos indígenas do Brasil*. São Paulo: CEDI, 1983.
- SCHACHTEL, E.G. *Experimental Foundation of Rorschach's test*. Londres: Tavitock Publications, 1967.

SCHAIE, K. W. *Die Validitat des farbyramidentest*. Berna, 1962, (ap. KOLCK, 1975).

SILVA, M.D.V. *Rorschach: Uma abordagem Psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1987.

VILLEMOR, A.F. *Pirâmides coloridas de Pfister*. São Paulo: CEPA, 1978.

## REFLEXÕES PARALELAS AO TRABALHO DE CAMPO ENTRE OS ANAMBÉ

Maria Risoleta Silva **JULIÃO**  
Centro de Letras e Artes. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFPA.

**RESUMO:** Grande parte da população que compõe a comunidade indígena Anambé, hoje, é de monolíngües em Português. Assim o presente artigo procura dar conta dos fatores que determinaram a substituição da língua tradicional pelo português, assim como das relações entre elas tendo por base o conceito de conflito lingüístico. As questões vieram à tona enquanto desenvolvia trabalho de campo, visando ao levantamento de dados lingüísticos para análise e descrição do sistema fonético-fonológico do Anambé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflito lingüístico, língua materna, segunda língua, monolíngüismo, bilingüismo, situação comunicativa.

**ABSTRACT:** A majority of the Anambe indigenous population are monolingual in Portuguese. Accordingly, this paper describes the key factors which led to the substitution of the native language by Portuguese, as well as subsidiary interrelations based on the concept of linguistic conflict. The questions to be addressed emerged during field work, involving the collection of linguistic data, in order to analyze and describe the Anambe phonetic-phonological system.

**KEY WORDS:** Linguistic conflict, mother tongue, second language, monolingualism, bilingualism, communicative situation.

### 1 AS INTERROGAÇÕES

A situação lingüística de vários grupos indígenas, que vem de uma longa história de contato, caracteriza-se, hoje, pela existência numa mesma área da língua tradicional e do Português, embora cada grupo viva um processo diferenciado no que se refere à prática das línguas.